

---

## Mídias Digitais Independentes: Percursos Metodológicos de uma Pesquisa<sup>1</sup>

Janaína CAPOBIANCO<sup>2</sup>

Dimas A. KÜNSCH<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### RESUMO

O artigo apresenta a metodologia e traz algumas primeiras observações provisórias de uma pesquisa de doutorado em curso sobre o fenômeno das mídias digitais independentes. Entre os objetivos está, primeiro, o de refletir sobre o projeto de pesquisa, sobretudo sob o viés metodológico, e, segundo, o de lançar a proposta numa roda de conversa e ouvir dos pares como a avaliam. O ponto de vista teórico da compreensão forma a base do trabalho em si e, também, do convite que fazem os autores a uma aproximação plural a este como a outros objetos de estudo do campo do Jornalismo. Metodologicamente, um conjunto de formulações teóricas sobre o objeto de estudo e sobre o método se complementa com a descrição, a reflexão e a interpretação dos passos que conformam a proposta de pesquisa, com a apresentação de alguns de seus resultados, ainda que provisórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; método; compreensão; mídia independente.

*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.*

Guimarães Rosa, em **Grande sertão: veredas**.

### INTRODUÇÃO

Apresentamos neste artigo, a modo principalmente de conversa com os pares, o caminho que estamos trilhando no desenvolvimento de uma pesquisa de Doutorado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), intitulada “O fazer jornalístico em transformação: a produção da notícia em mídias independentes digitais”, de autoria de Janaína Capobianco, sob a orientação de Dimas A. Künsch. Os objetivos do texto, escrito a quatro mãos por orientanda e orientador, são dois. O primeiro é o de os próprios autores explicitarem suas escolhas teóricas e metodológicas e também trazer algumas das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: janacapobianco@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

---

primeiras considerações provisórias sobre o objeto de estudo. O segundo inclui os pares no terreno do amplo e complexo processo da construção social da ciência e, particularmente, do campo do Jornalismo e de suas teorias.

A ideia geradora do convite para essa conversa situa-se no ambiente daquilo que, em nossas buscas teóricas e epistemológicas, temos denominado, de forma geral, pensamento compreensivo.<sup>4</sup> Este é, com efeito, se podemos dizer assim, uma espécie de grande guarda-chuva que abriga os distintos lados e pormenores da pesquisa, sob o ponto de vista teórico-epistemológico e também do método.

A perspectiva compreensiva dos fenômenos se orienta mais para uma aproximação ao modo como esses fenômenos ocorrem do que propriamente pela busca de alguma explicação que se pretenda definitiva (KAUFMANN, 2013). Tem de se reconhecer em primeiro lugar, no fenômeno investigado, o seu estatuto de nobreza. Aliás, o que vale em geral para qualquer tipo de fenômeno – a renúncia recomendável ao domínio acachapante de lógicas explicativas – o vale de forma particularmente viva e decisiva para o caso em estudo, dada a sua natureza cambiante e incerta.

Com efeito, o que estamos chamando aqui de “mídias digitais independentes”, uma denominação que merece algum aprofundamento na sequência, qualquer que seja o entendimento que se tenha delas, configura um território de transformação e busca, e não de definições e certezas, já pelo movimento próprio que é o processo da produção jornalística nesses novos ambientes. Mas há também o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas das próprias plataformas e dispositivos em que essa produção jornalística se opera, num ambiente que pode ser talvez melhor compreendido em suas múltiplas significações com aquilo que propõe Henri Jenkins, em seu *Cultura da convergência* (2009).

São três os momentos principais em que se divide esta nossa conversa. O primeiro deles retoma e avança na reflexão sobre alguns dos principais sentidos que assume na pesquisa uma abordagem metodológica de tipo compreensivo, a começar pelo fato banal de que se espera que o objeto fale primeiro por si mesmo, reconhecendo-se nele a sua qualidade de instância mais importante na pesquisa que a luz teórico-epistemológica que sobre ele se projeta. Assim, situamos também nesta parte uma primeira conversa de tipo descritivo-argumentativo com o objeto de estudo, justificando a escolha do *corpus* e descrevendo-o em

---

<sup>4</sup> Para uma compreensão do pensamento e/ou do método da compreensão, como aqui propostos, recomendamos a quem possa interessar um conjunto de textos em livros e edições especiais de revistas disponíveis no site do grupo de pesquisa Da Compreensão como Método, <[www.dacompreensao.com.br](http://www.dacompreensao.com.br)>. Ou os textos apresentados durante o Encontro nacional da Compós, no GT Epistemologia da Comunicação, por Künsch, nos anos de 2009 e 2010, e por Künsch e co-autores no GT Comunicação e Cultura, nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/anais.php>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

suas principais características. O segundo momento traz uma primeira etapa do que podemos chamar de modo de aproximação metodológica, para além da perspectiva compreensiva de que falamos no primeiro ponto. Esse segundo momento inclui a exposição da pesquisa bibliográfica, ou dos principais referenciais teóricos, e das análises documental e de conteúdo. O terceiro e último momento segue adiante no modo de aproximação metodológica, mas se ocupa em particular com aquilo que Cremilda Medina, em distintos momentos de sua produção acadêmica, chama de “signo da relação” (MEDINA, 2003; 2006). Nesta etapa nos ocupamos com a noção teórica e com a prática da entrevista de tipo compreensivo, que dialoga com o que tem sido possível realizar de observação participante. Reservamos para as considerações finais, que preferimos chamar de considerações provisórias, um primeiro e muito rápido balanço sobre as possibilidades e também sobre os limites desse tipo de aproximação metodológica. Reforçamos alguns dos primeiros resultados provisórios da pesquisa, apontando, também provisoriamente, caminhos a desbravar na perspectiva de sua conclusão.

## 1. A COMPREENSÃO DO OBJETO

Um pesquisador não pode jamais ir a campo como na história daquele repórter que já levava as aspás prontas consigo, só necessitando de uma fonte para confirmar o seu conteúdo. Deve-se ir com mais dúvidas que certezas – que nem certezas costumam existir neste nosso campo de ciências humanas e sociais, nem na natureza, nem na História (MORIN, 2001; 2011) –, de tal modo que o campo “deixe de ser abordado majoritariamente como uma instância de verificação da teoria para se tornar o lócus de seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos fatos” (KAUFMANN, 2013, p. 19).

O percurso metodológico da pesquisa pelo qual nos empenhamos nos remete novamente a Kaufmann (2013, p. 49), quando ele diz que o modelo ideal, defendido por Wright Mills, é o do “artesão intelectual”, que constrói, ele próprio, sua teoria e seu método. A ideia de uma artesanaria cognitiva combina bem com o modo de investigação dos fenômenos a que damos o nome de compreensivo, o que nos recorda o sentido original latino de *comprehendere*, que é “abranger, abraçar ou pegar junto” (KÜNSCH, 2005, p. 46).

Um conhecimento compreensivo abraça e dialoga com o seu objeto, deixando que ele “se mostre”, para recordarmos a origem etimológica da palavra grega *phainomenon*. O diálogo se estende nessa mesma conversa tanto às metodologias quanto às teorias, que, na sua qualidade de teorias, constituem ferramentas que podem trazer à luz aspectos, lados, recortes

---

específicos do objeto de estudo. Nada mais nocivo, nessa busca, do que instituir algo que, no limite extremo, pode ser confundido com uma ditadura do método ou das teorias. Nunca é demais repetir que teorias são mapas, não territórios. Os conceitos também são mapas.

A renúncia a estabelecer verdades que colocam pontos finais, lá onde o bom da conversa é que ela continue, abre o espírito do pesquisador para compreender que “saber como e por que as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está ocorrendo” (DUARTE, 2006, p. 64). A pesquisa qualitativa, que é por onde nos movemos neste nosso esforço de capturar os sentidos emergentes possíveis do fenômeno – sem desprezar o dado quantitativo naquilo que ele reserva de importante e necessário como auxílio para a interpretação (CAPPELLOZZA, 2018) –, busca sobretudo a interface com o humano em sua relação com o objeto de estudo. Não sendo o fenômeno em estudo humano, no sentido próprio do termo, nem por isso deixa de poder ser abraçado por uma aproximação de tipo compreensivo, pondo em relação antes de tudo sujeitos, como indicaremos na terceira parte deste artigo.

Uma postura e uma perspectiva analítica compreensiva por parte do pesquisador, mais que um simples caminho metodológico, significam uma maneira de ver o mundo e de observar os fenômenos que nele ocorrem. Uma pretensão mais de mostrar os fenômenos em foco do que de demonstrá-los. “Mais noções, menos conceitos. Menos portanto e mais talvez. Mais vírgulas, reticências, interrogações – muitas interrogações – do que a ideia de uma certeza e de uma verdade não dialógicas” (KÜNSCH, 2017, p.11).

O objetivo da pesquisa de doutorado que está na base deste artigo consiste em compreender os processos e rotinas produtivas jornalísticas em mídias independentes digitais, com um olhar para mudanças e permanências com relação ao jornalismo tradicional, no contexto das novas tecnologias e dispositivos da comunicação móvel e convergente. Por jornalismo tradicional, só para nos entendermos e evitar assim uma discussão que neste momento não se coloca, entendemos a produção jornalística como ela se veio configurando na história da sociedade urbana e industrial (MEDINA, 1978), um modelo de negócio associado ao fenômeno da comunicação de massa, sustentado basicamente por receitas publicitárias.

Já o nome de mídias independentes nós o utilizamos para nos referir a um universo de novas organizações de mídias digitais nas redes (internet) e em redes (mídias sociais e processos colaborativos), no contexto do chamado jornalismo pós-industrial (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013), com um conjunto de fatores e dinâmicas que as caracterizam e em alguma medida as diferenciam das mídias tradicionais e de suas práticas (mesmo com relação aos veículos tradicionais que migraram ou que surgiram na internet).

---

A denominação vai ao encontro da forma com que elas mesmas se autodenominam ou se apropriam do termo. Nossa opção por esse nome é consciente de sua incompletude, de seus limites, e do uso recorrente que a expressão vem tendo, o que pode inclusive levar a um esvaziamento ou confusão de sentidos. Para nós, tanto a ideia de jornalismo tradicional quanto a de mídias digitais independentes assumem, num primeiro momento, um caráter predominantemente auxiliar para a compreensão dos termos da pesquisa. No mais, o próprio desenrolar da pesquisa se encarregará de afirmar se e até que ponto essas expressões são de fato pertinentes.

Aliás, quando se fala de “independência” é preciso estar atento a uma característica do jornalismo que é afirmada desde sempre, não importam os modos como esse jornalismo constrói sua identidade em diferentes contextos sociais e tecnológicos. Assis, Camasão, Silva e Chistofoleti (2017, p. 6), entendem que “a independência no jornalismo pode ter diferentes significados em distintos contextos, ou ainda, ser apropriada em nome de determinados interesses”. Karppinen e Moe (2016, p. 106) afirmam que a independência diz respeito à autonomia, ao autogoverno ou ao direito de uma instituição criar suas próprias regras e administrar seu próprio negócio.

Com um olhar para as práticas dessas mídias mais que para sua independência, para a seleção do *corpus* da pesquisa foram levados primeiramente em conta dois levantamentos, um deles gerado no universo dessas mesmas mídias e o outro, originário da academia. A Agência Pública<sup>5</sup> realiza um trabalho de mapeamento dessas iniciativas no país, intitulado “Mapa do Jornalismo Independente”,<sup>6</sup> em um momento, de acordo com a agência, de “ruptura e renascimento” vivido pelo jornalismo. Trata-se, segundo a Pública, de organizações que “nasceram na rede, fruto de projetos coletivos e não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas”, e que não sejam blogs, avaliados geralmente como iniciativas individuais. Dados compilados entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016 revelam a existência de 79 coletivos no Brasil, em 12 estados e no Distrito Federal. O estado de São Paulo, sozinho, concentrava no período 36 veículos independentes, quase a metade dos que aparecem no mapa.

---

<sup>5</sup> Agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos, afirma em seu site – <http://apublica.org> – ser uma fomentadora do jornalismo independente, com mentorias para jornalistas, concursos de microbolsas de reportagem, eventos de discussão sobre jornalismo e programas de apoio a projetos inovadores. Outro viés que remete à independência jornalística promovida e executada pela Agência Pública está no ineditismo do seu Mapa do Jornalismo Independente, criado em 2016. A Pública é uma mídia que aposta em um modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manter a independência e promove a defesa intransigente dos direitos humanos e do discurso democrático, sempre de acordo com informações de seu *site*.

<sup>6</sup> <<https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>>

---

Tendo como objetivo analisar as relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas no que ela denomina “novos arranjos de mídia”, além de olhar essas mídias na relação com suas formas de sustentação e incorporação de novas tecnologias em suas práticas, a pesquisadora Roseli Figaro (2018), do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP), também utiliza como referência o mapa da Agência Pública. Com um trabalho de catalogação, a partir das mídias apontadas pelo mapa, além de outras indicações e métodos, o estudo levanta 170 mídias independentes no Brasil e 10 com endereços internacionais. No Brasil, de acordo com a pesquisa, elas estão assim distribuídas: 27 na região Sul, 95 na região Sudeste, 3 na região Norte, 16 na região Nordeste, 5 no Centro Oeste e 24 não identificadas. Na Grande São Paulo, foram identificados 70 novos arranjos, dos quais a pesquisa seleciona 29 para a realização de entrevistas e grupos de discussão (FIGARO, 2018, p. 38).

No caso da nossa pesquisa, o processo de seleção das mídias para uma aproximação e aprofundamento acerca de suas dinâmicas produtivas foi construído na caminhada, durante a execução da pesquisa, entre as negativas de algumas mídias em se abrirem para o estudo e a impossibilidade de abordar outras. Em contatos com vários jornalistas, entre os que se negavam a participar por falta de tempo ou objeção da organização, encontramos oito jornalistas fundadores/e ou editores dispostos a falar em profundidade para a pesquisa. Com a conclusão da oitava entrevista consideramos que tínhamos um material farto e suficiente para análise. As mídias que compõem a análise são: Estúdio Fluxo, Nexo Jornal, Repórter Brasil, Mídia Ninja, Jota, Congresso em Foco e The Intercept Brasil, organizadas pelo critério de aproximação, que compreende o contato e o retorno do jornalista para participar do estudo.

As mídias selecionadas possuem em comum os seguintes aspectos: a) posicionam-se como jornalísticas, tendo profissionais, formados ou não na área, e produtores de conteúdos jornalísticos; b) orientam-se pela perspectiva de oferecer um jornalismo que se diferencie, se contraponha, em alguma medida e/ou aspecto ao modelo de organização jornalística e de jornalismo praticado pela mídia tradicional; c) constam no Mapa da Mídia Independente no Brasil produzido pela Agência Pública; d) declaram-se independentes, ou possuem como perspectiva editorial o jornalismo independente, em seus portais na internet e/ou nos espaços públicos; e) sua distribuição se dá exclusiva ou predominantemente pela internet; f) adotam formas colaborativas e ou alternativas para seu financiamento; g) todas adotam formas diferentes de organização (de casas e caixas coletivos, às que se assemelham a *startups*).

Para se compreender um mapa, é preciso adentrar os seus territórios. É ali, nos territórios, onde a vida circula e as relações acontecem, que semelhanças e diferenças

emergem e se deixam ver ao olhar aproximado. Nesse movimento, partindo de uma visão geral e seguindo para uma aproximação e adentramento dos territórios das mídias selecionadas, percebemos a pluralidade e diversidade de pensamentos e práticas jornalísticas. Essas práticas vão de forte engajamento político – às vezes geral (caso do The Intercept Brasil), ou em determinadas áreas (como a Repórter Brasil), chegando às vezes à um ativismo (como é o caso da Mídia Ninja) – até *startups*<sup>7</sup> e novos modelos de negócios (a exemplo do Nexo Jornal e do Jota).

Com base nesse conjunto de informações sobre essas mídias e numa tentativa de síntese dos aspectos que as aproximam e diferenciam, criamos um conjunto de categorias que nos ajudam na compreensão de suas identidades, a saber: a) engajamento social e político; b) cobertura temática; c) uso de voz autoral; d) jornalismo de profundidade. As mídias são diversas ainda com relação ao seu posicionamento editorial (o que pode ser visto em parte no marcador “posição engajada”), nos processos produtivos e nas narrativas e formatos jornalísticos que dispõem ao público.

A seleção das mídias para o trabalho de pesquisa atende aos três critérios apontados por Machado e Palacios (2007) para a definição de um objeto de estudo: representatividade, originalidade e diversidade.<sup>8</sup> As sete mídias possuem trabalho jornalístico expressivo na sociedade brasileira e reconhecimento no meio jornalístico nacional e internacional, inclusive com diversas premiações. Elas abrangem diferentes práticas jornalísticas e segmentos da sociedade, em um universo representativo do jornalismo independente brasileiro.

## 2. MODO DE APROXIMAÇÃO METODOLÓGICA

Não começa neste ponto do artigo, como já sabemos, o nosso confronto com o método, tendo sido apresentada antes a perspectiva compreensiva, que prefere o olhar compreensivo ao explicativo. Também formam parte do método as distintas escolhas realizadas ao longo do percurso de seleção das mídias estudadas e de afirmação de procedimentos que norteiam essas mesmas escolhas e direcionam os passos a seguir.

---

<sup>7</sup> Bertocchi (2017, p. 112) afirma que o jornalismo de startup brasileiro está ainda em um estágio experimental e de caráter probatório. A autora compreende o jornalismo de startup como “um tipo de jornalismo empreendedor pós-industrial, se destacando por adotar uma visão sistêmica da comunicação que ultrapassa a monotonia das empresas informativas tradicionais. São empreendimentos jornalísticos que buscam inaugurar um modelo singular, inédito e visionário de negócio, promovendo rupturas em suas diversas camadas: equipes, estratégias, processos, formatos narrativos, audiências e tecnologias”.

<sup>8</sup> Para os autores, “quanto mais original for a organização, mais adequada será para os propósitos do pesquisador; quanto mais representativa de uma tendência mais chances terá de ser incluída e quanto mais distante estiver das tendências dominantes levantadas melhor porque serve como contraprova” (MACHADO; PALACIOS, 2007, p. 204).



---

Sempre indispensável, a fundamentação teórica da pesquisa abrange estudos acerca do jornalismo contemporâneo, suas transformações diante dos avanços tecnológicos, se valendo de autores, entre outros, como (Jean Charron e Jean de Bonville; Zélia Leal Adghirni e Fábio Henrique Pereira; Steen Steensen; C. W. Anderson, Emily Bell, Clay Shirky); do jornalismo móvel, convergente e em redes, (Henry Jenkins; Manuel Castells; Marcos Palacios; João Canavilhas), da emergência de novas mídias, entre elas e mídia alternativa/independente (Kari Karppinen e Hallvard Moe; Chris Atton; John Downing; Elizabeth Lorenzotti; Ivana Bentes; Fábio Malini e Henrique Antoun). As principais referências teóricas para pensar a produção da notícia percorrem autores conhecidos no campo de estudos de *newsmaking* (Miguel Rodrigo Alsina; Nelson Traquina; Gaye Tuchman; Michael Schudson; Mauro Wolf; Jorge Pedro Sousa), além de Manuel Carlos Chaparro e sua compreensão teórico-metodológica acerca da pragmática do jornalismo e do rastreamento da produção. O pensamento de Zygmunt Bauman (2001, 2007) sobre o que ele chama de sociedade líquido-moderna aciona mecanismos de compreensão do mundo social, político e econômico onde as mídias digitais independentes nascem e operam<sup>9</sup>.

Todo o percurso da pesquisa está sendo marcado por um levantamento e análise de documentos, disponíveis em fontes diversas da internet e redes sociais, para a caracterização dos grupos de mídias independentes, suas histórias e práticas, o que muito ajudou na escolha dos entrevistados. Esses documentos encontram-se disponíveis em formatos diversos de plataformas – textos, áudios, vídeos ou streaming – e de gêneros – notícias, reportagens, depoimentos, opiniões etc. Faz parte desta tarefa a análise dos conteúdos dos Portais das mídias na internet, começando por descrevê-los em suas características principais.

A análise de conteúdo aparece também em outro momento do trabalho, com um olhar para um conjunto de quatro reportagens dessas diferentes mídias que, segundo critérios que explicitamos no trabalho, podem ser consideradas expressivas e representativas do jornalismo praticado. As reportagens se enquadram no que as mídias chamam de “Especiais”, mais analíticas do que as praticadas no cotidiano, chegando a ser referidas como exemplos nas entrevistas que realizamos com os jornalistas. Para a análise de conteúdos, partimos de referenciais teóricos tradicionalmente colocados acerca do método (BARDIN, 1977; BAUER, 2015; MORAES, 1999) e, no tocante às reportagens seguimos por um percurso que incorpora ferramentas do próprio jornalismo à definição das categorias que o método da análise de conteúdo demanda (LIMA, 2009; KLAUTAU; KÜNSCH; CARRARO, 2018),

---

<sup>9</sup> Os autores não aparecem nas Referências deste artigo, por questão de espaço, mas são devidamente citados e referenciados na tese.



procurando nessa análise específica ressaltar os elementos e aspectos técnicos, estéticos e éticos da produção jornalística.<sup>10</sup>

Seguimos os passos descritos por Roque de Moraes (1999), a partir da leitura de Bardin (1977), como indispensáveis a toda análise de conteúdo: categorização, descrição e interpretação. Levando em conta que as mídias independentes em foco produzem para a internet, com exceção da Congresso em Foco, que possui uma revista, definimos as seguintes categorias para análise: a) uso da multimídia na construção narrativa; b) hipertextualidade do texto jornalístico, de acordo com classificação de fases do jornalismo online, formulada por Ribas (2004)<sup>11</sup>; c) diversidade de fontes utilizadas; d) profundidade; e) imersão; f) engajamento; g) voz autoral. Tecemos também considerações acerca do processo de produção da narrativa jornalística em análise, com um olhar voltado para o uso dos dispositivos móveis e convergentes em suas dinâmicas, a partir das entrevistas já realizadas, e eventualmente, por meio de novos contatos com os jornalistas entrevistados para obtenção de dados adicionais.

### 3. SOB O SIGNO DA RELAÇÃO

Um dos pontos altos do trabalho são as entrevistas em profundidade com os jornalistas das mídias independentes em foco. A escolha dos entrevistados orientou-se pelo critério de se ouvir profissionais do jornalismo que exercessem um cargo de responsabilidade editorial e/ou fossem fundadores, estando envolvidos a fundo com o processo de criação do veículo independente. Também houve, no processo de escolha dos entrevistados, um olhar para a trajetória profissional dos jornalistas, valorizando sua experiência e passagem por jornais tradicionais, e ou em alguma medida diferentes da mídia independente atual.

Dos 8 jornalistas entrevistados (6 mulheres e 2 homens, um de cada mídia selecionada, com exceção da Mídia Ninja, que falamos com 2 jornalistas)<sup>12</sup>, 6 têm passagem por grandes jornais brasileiros. Isso pode corroborar nossa hipótese de que a prática jornalística nessas mídias está impregnada do que está sendo chamado de metajornalismo, como apontam

---

<sup>10</sup> Como mostram Klautau, Künsch e Carraro (2018, p. 81), “elementos da própria teoria da reportagem nos servem de auxílio na tarefa de mostrar, mais que demonstrar, as virtualidades desse gênero jornalístico, ontem como hoje, que podem ser potencializadas com os recursos gerados pelas tecnologias digitais”.

<sup>11</sup> As fases ou estágios do jornalismo online estão claramente colocadas em “Características da notícia na Web: considerações sobre modelos narrativos”. São elas: Linear, Hipertextual Básico e Hipertextual Avançado.

<sup>12</sup> A entrevista com Marielle Ramires, fundadora da mídia, nos levou à entrevista com a jornalista Raíssa Galvão. Compreendemos que, neste caso, houve um aprofundamento de tipo vertical, de acordo com a compreensão de Lima (2009).

---

estudos na área.<sup>13</sup> A hipótese pode ser formulada do seguinte modo: em grande medida, cuja dimensão aproximada a pesquisa se encarregará de levantar, as novas práticas jornalísticas são construídas a partir de uma visão ancorada em experiência crítica nas mídias tradicionais, favorecendo, assim, nossa busca das conexões entre o velho e o novo no jornalismo contemporâneo.

Todas as entrevistas foram presenciais, sendo realizadas nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, com exceção da entrevista com Raíssa Galvão, realizada via Skype. Compreendemos que o encontro face a face favorece o aprofundamento, talvez seja fundamental para ele. Possibilita que se estabeleça uma relação efetiva, além de ter permitido a observação direta (em alguma medida participante) das expressões dos jornalistas, do entorno, e das dinâmicas do ambiente de trabalho – quando se deu nestes locais. Os ambientes variaram, de acordo com a indicação e preferência dos entrevistados. Três conversas se deram nas redações das mídias (Jornal Jota, Repórter Brasil, Mídia Ninja), uma no apartamento do jornalista entrevistado, de onde produz hoje para o Estúdio Fluxo (Bruno Torturra), duas em um mesmo restaurante, por coincidência (Ana Magalhães, da Repórter Brasil, cuja entrevista começou na sede da agência e terminou em um almoço, e Tatiana Dias, do site The Intercept Brasil), duas em cafês (Édison Sardinha, do Congresso em Foco, e Olívia Fraga, do Nexo Jornal). Os encontros duraram de 1h a 2h30, em um total de mais de 10h de conversas gravadas

Fomos a campo para as conversas tendo como âncora a perspectiva da entrevista compreensiva, segundo o conceito elaborado por Kaufmann (2013). O autor a coloca em outro patamar de importância, quando afirma que “a entrevista compreensiva não é apenas uma técnica, mas um método de trabalho diferenciado e com propósitos claros, visando à produção teórica a partir dos dados”. O autor reivindica a entrevista enquanto “procedimento de maior aproximação entre a produção da teoria e a pesquisa empírica” (KAUFMANN, 2013, p. 14). Assim, a entrevista compreendida enquanto método vai na “direção de recuperarmos o prazer da descoberta e da inovação analítica em cada investigação, em cada objeto específico a que nos dediquemos para buscar uma explicação teórica a partir dos dados de campo”. (KAUFMANN, 2013, p. 15).

A escolha dos entrevistados, a elaboração do roteiro norteador da conversa, mas sobretudo o próprio diálogo, portanto, se dá em um processo artesanal, em oposição e crítica a

---

<sup>13</sup> Vide artigo publicado pelo jornalista e pesquisador Ivan Satuf, intitulado “O discurso da mídia independente como prática metajornalística”. Disponível em: <<http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20160706-artigo1.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

um “processo de produção ‘industrial’ de pesquisas sem desenvolvimento teórico e inovação analítica sobre novos objetos, temas e problemas” (KAUFMANN, 2013, p.37). A centralidade está nas palavras recolhidas no gravador. As entrevistas foram todas transcritas mantendo-se fidelidade ao que foi dito e como foi dito, com mínima edição. Todas elas serão disponibilizadas na íntegra nos apêndices da tese, com uma contextualização inicial de cada uma delas. Aceitamos, assim, as subjetividades em curso, orientados pela compreensão da entrevista enquanto o diálogo possível.<sup>14</sup> Wolton (2017, p. 16) afirma que “não controlamos um encontro: ele se impõe”. Momentos tão ricos em suas convergências quanto em suas diferenças. E justifica sua opção pelo diálogo, “[...] porque ele permite uma abertura para o outro, uma argumentação, e a presença do leitor. O diálogo dá seu sentido à comunicação humana além da performance e dos limites das técnicas” (WOLTON, 2017, p. 15).

Sáimos modificados de nossos encontros de diálogos, podemos afirmar. Buscamos a valorização do sujeito narrador, em contato com sua própria subjetividade, na construção da narrativa, com sua concepção de mundo e de si mesmo. Apesar dos sujeitos serem jovens, estamos buscando sua memória (relação com o passado) pela sua narrativa, tendo em vista seu protagonismo nos cenários jornalísticos investigados, na perspectiva teórico-metodológica apresentada por Caprino e Perazzo (2011).<sup>15</sup>

Partimos da compreensão de roteiros semi-estruturados de entrevista, que tem origem e se orienta por uma matriz, um roteiro de questões-guia que abrangem os interesses da pesquisa e se desenrolam em outras questões no decorrer da conversação. Em partes, trata-se de um método que se constrói no próprio campo, com os sujeitos da pesquisa, mas com a direção do pesquisador. Elaboramos um roteiro norteador, composto por 4 eixos temáticos, que davam origem às questões relacionadas aos seguintes tópicos: a) vida, história, motivações; b) a mídia independente; c) a grande mídia; d) modos de fazer. Conduzidos por esse roteiro, buscamos um olhar atento, que perpassou todo o diálogo, aos aspectos a) do uso de tecnologias; b) das relações humanas; e c) das remediações<sup>16</sup>, nos processos jornalísticos.

---

<sup>14</sup> *Entrevista: o diálogo possível* é título de uma obra da jornalista, professora e pesquisadora brasileira, Cremilda Medina, cuja primeira edição data de 1986. Nela, a autora afirma: “[...] quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito que os perturbou ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível” (MEDINA, 1990, p. 7).

<sup>15</sup> As pesquisadoras no campo da história e comunicação constroem uma metodologia que envolve memória, enquanto lembrança do sujeito – articulada pelo presente na relação com o passado –, e narrativa, que é o ato de contar a história, para estudos em comunicação a partir da história oral, que chama de narrativas orais e histórias de vida. Este tipo de abordagem metodológica, de acordo com elas, permite ao pesquisador ir ao encontro de saberes, linguagens, valores, sociabilidades, tendo condições de se aproximar das subjetividades dos sujeitos sociais, bem como de suas formas de ver e sentir.

<sup>16</sup> Por remediação, compreendemos os processos de bricolagens entre o velho e o novo, em dinâmicas de rupturas e permanências, próprias de novas práticas midiáticas. Canavilhas (2012, p. 9) explica: “Por remediação (remediation) entende-

---

A observação direta participante<sup>17</sup> (MINAYO, 1992) fez parte do arsenal metodológico da pesquisa nos encontros, todos presenciais, que tivemos com os jornalistas, sobretudo nos casos em que fomos aos seus territórios. Nesses momentos, a observação se dava por meio de nossa participação no ambiente e interação com o jornalista e o entorno. Esse mesmo sentido de observação esteve também presente nos encontros para as conversas, seja nas redações das mídias, seja nos demais locais. Pudemos observar expressões diversas, assim como momentos de reflexão. Instantes em que entrevistador e entrevistado paravam e pensavam, ponderavam, reformulavam, se autoquestionavam. E ao final, em alguns, percebemos um prazer pelo diálogo e uma certa satisfação por falar. Mais especificamente, nos casos de visitas às redações, pudemos ver ainda as próprias dinâmicas de trabalho em equipe, as interrupções dos profissionais – e/ou do WhatsApp – ao entrevistado, o ambiente, fragmentos da rotina. Tanto a proposta teórico-metodológica do rastreamento por observação direta (CHAPARRO, 2007), como o próprio nome já diz, quanto a do *Newsmaking* (WOLF, 1995) se valem da observação. Em tempos de rotinas fluídas e desterritorializadas, foram essas as observações possíveis, nos encontros presenciais com os entrevistados e, quando possível, nos ambientes das redações.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa de campo foram construídos, em parte, no próprio campo e, ainda, algumas vezes, enquanto os fenômenos ocorrem. Isso nos levou a uma postura permanentemente reflexiva com relação aos procedimentos empregados, em uma perspectiva de que o objeto escolhe o método e não o contrário. “[...] um processo de verdadeira bricolagem permanente, uma construção *in situ* no ato mesmo de sua efetivação” (KAUFMANN, 2013, p. 14). Pretendeu-se, assim, analisar um *continuum* multimídia, das práticas metajornalísticas dos profissionais à sua atuação como produtores de conteúdos nas mídias independentes, em um processo articulado. Ainda em curso, nos permitimos alguns apontamos, apenas.

As sete mídias independentes possuem um amplo reconhecimento social, o que pode ser visto na quantidade expressiva de prêmios que recebem, na gama de patrocínios que vão

---

se o processo de renovação de velhos conteúdos efetuado pelos novos meios. Ou seja, os novos meios de comunicação renovam (refashion) os conteúdos dos anteriores, permanecendo desta forma uma ligação entre novos e velhos meios (BOLTER; GRUSIN, 1999). Este processo pode ocorrer em diferentes níveis: no caso dos meios digitais, o nível pode variar entre uma melhoria discreta do meio antecessor, mantendo algumas das suas características, até remediações mais profundas, em que o novo meio digital tenta absorver completamente o anterior”.

<sup>17</sup> Escolha tendo em vista a compreensão do observador não-participante enquanto noção de uma postura passiva.

desde milionários globais a empresas nacionais e internacionais com respeitada reputação, chegando a pessoas comuns, financiadores individuais que juntos chegam a cifras respeitáveis de arrecadação. Outro aspecto que evidencia esse reconhecimento social é a considerável audiência desses veículos, como no caso da Mídia Ninja e sua produção multiplataforma, que mesmo tendo uma atuação engajada e ativista, atinge no Brasil um público diverso e mobiliza setores sociais em sua produção.

Também vimos que as diferentes formas de elas se sustentarem (que passam por financiamentos coletivos, venda de produtos e serviços, assinaturas de pessoas físicas e médios e grandes escritórios, financiamentos de médias empresas a multinacionais, e até verbas de governos estaduais e federais) mostram diversos novos modelos produtivos e de organização, que vão de *startups* – com intenção de lucro posta – até Casas Coletivas, como é o caso da Mídia Ninja e sua concepção diferente, e polêmica, de vida, trabalho, consumo e remuneração. Todas se diferenciam, mesmo que em partes ou aspectos, do modelo industrial de jornalismo, representado pela grande mídia brasileira.

As mídias se posicionam em direção a um jornalismo que podemos chamar de interpretativo, em um aprofundamento da narrativa (seja horizontal – no ‘jornalismo de contexto’ praticado pelo Nexo Jornal, ou vertical, no caso dos mais investigativos, como o The Intercept e a Repórter Brasil), em narrativas mais livres e autorais, com diferentes formatos narrativos. Temos no universo observado, posicionamentos engajados, desde a militância da Mídia Ninja ao alinhamento com causas e horizontes (como é o caso do The Intercept Brasil e da Repórter Brasil) e cobertura com um foco temático (no caso da Repórter Brasil, o combate ao trabalho escravo; no do Congresso em Foco, a política e o Congresso Nacional; e do Jota, o universo jurídico). Assim, essas práticas jornalísticas rompem com a pretensão da dita neutralidade jornalística, em uma compreensão do jornalismo enquanto fazer intencionado, assumindo suas subjetividades, mas, também intencionalmente, com o horizonte da ética e com a referência do interesse público sempre na mesa.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Evandro de Assis; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana da Rosa; CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Autonomia, ativismo e colaboração**: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899>>. Acesso: 25 jun. 2019.

BARDIN, Laurence. Terceira parte: método. In: **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 93-150. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod\\_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20)

---

%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa\_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf>. Acesso: 25 jun. 2019.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BERTOCCHI, Daniela. **Startups de jornalismo**: desafios e possibilidades de inovação. Revista Contemporânea, v.15, n.01. p. 101-117.

CANAVILHAS, João. **Da remediação à convergência**: um olhar sob os media portugueses. Brazilian Journalism Research, 8, 1, 7-21, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/369/362>>. Acesso: 25 jun. 2019.

CAPPELLOZZA, Alexandre. **O diálogo de abordagens para uma melhor compreensão investigativa**. Folios, v. 40, p. 3, 2018. Disponível em <<https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/folios/article/view/338475/20793585>>. Acesso: 25 jun. 2019.

CAPRINO, Mônica Pegurer; PERAZZO, Priscila Ferreira. **História oral e estudos de comunicação e cultura**. Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 801-815, setembro/dezembro, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10385/7283>>. Acesso: 25 jun. 2019.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. 3. ed. São Paulo, SP: Editora Summus, 2007.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FIGARO, Roseli. (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KARPPINEN, Kari; MOE, Hallvard. **What we talk about when talk about “media Independence”**. 2016 Disponível em <<http://bora.uib.no/bitstream/handle/1956/12265/What+We+Talk+About+When+Talk+About+Media+Independence.pdf?sequence=6>>. Acesso: 25 jun. 2019.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva**: Um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KLAUTAU, Carolina Moura; KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. **A reportagem jornalística e a compreensão como método**: um estudo da série 'Um mundo de muros', da Folha de S.Paulo. Folios, v. 2, p. 6, 2018.

KÜNSCH, Dimas A. Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão. In: XVIII Encontro Nacional da Compós, 2009, Belo Horizonte. **Anais do XVIII Encontro Nacional da Compós**. Brasília: Compós, 2009. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1109.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1109.pdf)>. Acesso: 25 jun. 2019.

---

KÜNSCH, Dimas A. Compreendendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, Vol. 5 – nº 1 – 1º semestre 2005, p. 43-54.

KÜNSCH, Dimas A. [org.] [et al.]. **Produção de conhecimento e compreensão**. 1 ed. São Paulo: UNI, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009.

MACHADO, Elias ; PALACIOS, Marcos. **Um modelo híbrido de pesquisa**: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 p.199-222.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia. São Paulo-SP: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, v. 22, n.37. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.7-31. Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)>. Acesso: 25 jun. 2019.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília/DF: Unesco, 2011.

RIBAS, Beatriz. Características da notícia na Web: considerações sobre modelos narrativos. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, FACOM/UFBA, Salvador, BA, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. **Papa Francisco, o futuro da fé**: entrevistas com o sociólogo francês Dominique Wolton. Tradução de Pedro Sette-Câmara. 1 ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018.